

Dramas compartilhados: as redes sociais como espaços de catarse e a política dos afetos¹

Renata Rezende²
Universidade Federal Fluminense, UFF

Resumo

O artigo trata-se de um primeiro ensaio e pertence a uma pesquisa mais ampla sobre como os usuários das redes sociais, particularmente da rede digital *Facebook*, têm utilizado essa plataforma como um espaço para a construção de narrativas catárticas. Espaço esse que se constituiu em um *locus* de atualização de sentimentos que nem sempre podem ser manifestados em demais instâncias do contexto social, mas que pelas características do próprio espaço digital (das redes sociais) se configura e opera, em algum sentido, numa política de afetos. Tomamos o sentido de catarse a partir de Aristóteles, em uma releitura dos relatos dessas redes, por meio de elementos da tragédia grega e seus usos sinestésicos, na narrativa fragmentada contemporânea encontrada no ciberespaço.

Palavras-chave: Redes sociais; Narrativas Dramáticas; Tragédia; Catarse; Afeto;

Introdução

No mundo contemporâneo de fluxos de informações e de imagens, as relações tornam-se ainda mais mediadas e os indivíduos passaram a compartilhar cada vez mais interesses, ideias e relacionamentos através de redes colaborativas na Internet, as redes sociais. Essas plataformas mobilizam cada vez mais usuários, que agregam informações, construindo-se e comunicando com outros atores, deixando vestígios que permitem o reconhecimento das formas de suas conexões, bem como o compartilhamento de uma gama de informações nessas redes³.

Verificamos que grande parte desse compartilhamento corresponde aos dramas cotidianos dos usuários dessas redes, que utilizam tais espaços digitais para compartilhar experiências que vamos denominar aqui de *relatos dramáticos*, numa espécie de narrativa catártica. Tais experiências contemplam não apenas eventos trágicos pessoais, como a perda de um ente querido, um grave acidente, ou o romper de um relacionamento amoroso, mas

¹ Trabalho apresentado ao GP Cibercultura no XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Comunicação e Mestre em Comunicação e Imagem. Pesquisadora do grupo Sociedade Midiatizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas. renatarezender@yahoo.com.br

³ Utilizamos o conceito de rede social a partir de Recuero (2009) que a define enquanto um conjunto de dois elementos, atores (pessoas, instituições, ou grupos que seriam os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).

também a indignação por atos de corrupção, comentários contra crimes hediondos, manifestações contra diversas formas de preconceitos, entre outros textos.

Enquanto parte desse ciberespaço, os usuários atuam de forma a moldar as estruturas sociais que se realizam através de interações e pela constituição dos laços sociais. Esses laços também se estabelecem a partir de *narrativas catárticas* que moldam a característica da expressão pessoal ou pessoalizada do *locus* das redes sociais digitais, configurando os usuários numa “construção e narração de si”, na medida em que compartilham seus dramas.

Em um movimento de fusão da vida cotidiana com a tecnologia, torna-se evidente a hibridização da *techné* com a *aisthesis*, numa conversão da vida em emoção⁴. As tecnologias de informação, de comunicação e de imagem conduzem os sujeitos à afetação da experiência pela própria tecnologia, fazendo-os viver em novas configurações humanas do modo produtivo e em novas possibilidades de organização dos meios de produção, nas quais se exige mais de uma dimensão que adentra mais o sensível que o racional: vive-se mais em experiências que tocam o corpo, porque “sentir implica corpo, mais ainda, uma necessária conexão entre corpo e espírito” (SODRÉ, 2006, p.13). Ou seja, a dimensão dessa era da imagem e de tecnologias cada vez mais sinestésicas insere o afeto na circulação dos conteúdos. Reconhecem-se narrativas contidas na ilusão, na emoção do riso, no sentimento da tragédia, mas também na imaginação.

Nesse sentido, acreditamos na potência sensível que se desenha no emaranhado narrativo configurado por grande parte dos relatos estabelecidos nas redes sociais. A situação enunciativa que se estabelece não dá conta de uma racionalidade lingüística, nem a partir de lógicas argumentativas da comunicação, mas ocorre, desta forma, numa espécie de *política de afetos* a partir do que Sodré (2006, p.10) designa pela configuração de estratégias sensíveis que se referem “aos jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos” no interior dessa rede, como destacamos nos exemplos dos relatos⁵ abaixo:

⁴ Segundo Sodré (2006) uma emoção controlada.

⁵ Os relatos apresentados em toda a extensão do texto referem-se a uma primeira coleta realizada na rede social *Facebook* (www.facebook.com), entre janeiro e julho de 2012. São relatos aleatórios selecionados por três usuários dessa rede social, localizados geograficamente em estados diferentes do Brasil, com faixa-etária distinta entre eles e de rede de amigos não comuns (levamos, em conta, por suposto, que por se tratar de uma rede social, algumas conexões e usuários se conectam em alguma relação entre um ou outro ator).

"E eu, que não consigo dormir, e se durmo é pra fugir. A ferida não está curada, ela torna a abrir."

Curtir · Comentar · Compartilhar · 20 de Janeiro às 04:42 · 🌐

Relato 1.

Tô tão triste, tão triste, tão triste... arrasaaaaadaaaa! só tô dizendo isso pq rede social serve tbm pra desabafar, mas não vou contar o motivo que é pra ninguém rir de mim, nem me chamar de burra (que é o que eu sou mesmo). Cometi um erro grosseiro, idiota, tô me sentindo a pior das criaturas, e ainda sofrendo muito... :((((

Curtir · Comentar · segunda às 08:13 próximo a Vitória · 👤

👍 2 pessoas curtiram isto.

💬 Exibir todos os 20 comentários

Relato 2.

Saudade da época em que eu era criança. Nada me afetava... eu sempre tinha uma resposta na ponta da língua pra todas as perguntas que me faziam e pra todas ofensas que recebia. Agora, não sei as respostas nem mesmo pras perguntas que estão dentro de mim.

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 2 pessoas curtiram isto.

Relato 3.

Reflexão da madrugada que ninguém nunca vai ler: Para que serve o medo? Quando sentimos dor ao começar a andar, essa é uma dor para ser superada. O medo, a inércia, é uma ruptura com o passado, um sádico convite para a superação do medo, um se lançar ao novo que dói. Mas logo, já não vai doer mais, e sentirás seu corpo mais vivo que antes, mais forte. Por outro lado, quando colamos a mão no fogo, e sentimos dor, esse é um mecanismo de defesa do corpo que, através delar, busca alertar um limite a ser respeitado. Portanto, o mistério do por que do medo resume-se a capacidade de diferenciar quando ele alerta o limite, ou quando ele é um convite para a superação deste.

Curtir · Comentar · Compartilhar · 20 de Janeiro às 04:54 · 🌐

Relato 4.

"Saudade é não saber. Não saber o que fazer com os dias que ficaram mais compridos, não saber como encontrar tarefas que lhe cessem o pensamento, não saber como frear as lágrimas diante de uma música, não saber como vencer a dor de um silêncio que nada preenche."

Martha Medeiros

Q saudade, pai. Saudade de ouvir sua voz, de ganhar um abraço, dar um beijo de boa noite... Te amo pra sempre!!!

[Curtir](#) · [Comentar](#) · sexta às 14:52 · 

Relato 5.

Engraçado como tudo nessa vida passa; e só o tempo mesmo pra fazer a gente perceber isso. Não vou conseguir ver que passou agora, amanhã, levará um tempo; como diz minha amiga

Vai doer, vou cair, mas tenho em quem me segurar para me levantar.

Não sei se é só o tempo ou se é também uma questão de "percepção" das coisas. A gente cria uma pessoa fantasiosa na cabeça da gente que não existe na realidade. E a realidade está bem longe de se parecer com o que a gente criou na nossa cabeça.

Mas é isso aí. Tudo serve pra gente aprender alguma coisa. Sei exatamente o que eu quero pra mim. Sei também o que eu não quero.

Por isso, eu digo: só entre na minha vida se for pra fazer alguma diferença. Tô cansada de insegurança, indecisões, falta de atitude. Aff!

[Visualizar publicação](#) · 1 de Julho às 14:44 · 

Relato 6.

Os relatos incorporam elementos trágicos enraizados na experiência individual dos usuários dessa rede social, mas que quando circulados nessa plataforma tornam-se experiências coletivas a um só tempo, ou seja, no tempo da partilha no interior dessa rede. A tragédia é entendida aqui como narrativa, mais do que como drama, na medida em que entendemos enquanto interpretação da experiência e encarnação em drama. Segundo Williams (2002, p.44), "tragédia era uma história, um relato, algumas vezes até um arrolamento, porque nestes termos ela não podia ser vista como uma ação".

Na concepção aristotélica (2003), a tragédia trata-se de uma *mimese* “dos caracteres, das paixões e das ações humanas”, sobretudo, “de ações, da felicidade e da infelicidade” de seres humanos em meio a atividades humanas.

Experiências Trágicas

A experiência trágica, segundo Williams (2002), atrai as crenças, os valores e as tensões de determinada época na qual se instaura e, por meio dela, é possível compreender, muitas vezes, a conformação de uma cultura específica. A ideia contemporânea de tragédia passou a comportar não apenas um acontecimento singular, mas uma série de experiências, convenções e instituições que, na maior parte das vezes, valoriza o passado em detrimento do presente.

As tragédias do dia a dia caracterizam-se na crença de que

“o acontecimento em si não é trágico, mas torna-se trágico por meio de reações convencionadas (com a implicação de que a tragédia é um fato artístico, no qual essas reações estão incorporadas, mais do que um fato de vida, no qual essas reações estão ausentes); e a crença de que uma reação significativa depende da capacidade de conectar o evento a um conjunto de fatos mais geral, de modo que ele não seja mero acidente, mostrando-se capaz de carregar um sentido universal” (WILLIAMS, 2002, p. 71).

É nesse sentido que nos apropriamos do conceito aristotélico de tragédia, acreditando que existem elementos que ecoam na contemporaneidade nesses dramas compartilhados por meio das redes sociais como o *Facebook*. Há específicas e variadas relações entre os atores que configuram as narrativas dramáticas, mas o compartilhar de papéis nesse ciberespaço indica a experiência catártica na medida de sua tessitura enunciativa.

Tomamos o conceito de catarse ainda a partir da concepção aristotélica, cuja argumentação baseia-se no fato de que algumas emoções podem ser liberadas por meio de uma descarga emocional provocada por uma situação dramática. Na Grécia Antiga, *catharsis* era compreendida como o despertar de *eleos* e *phobos*, respectivamente piedade e temor, a partir de uma ação representativa que se daria na tragédia, enquanto processo de identificação numa economia de afetos que resultaria em um estado de purificação do ser. Aristóteles (2003) considerava as tragédias clássicas do teatro grego como exemplos de purgação de temor e de pesar.

Hoje, o conceito de catarse também inclui a liberação emocional não apenas pela observação dos dramas, mas pela memória, por meio da recordação de eventos, pela expressão das emoções e pelo reavivar do passado. Para a psicanálise, trata-se de um método em que o efeito objetivado é a purgação (*catharsis*), uma “descarga” dos afetos ligados aos acontecimentos trágicos, num desejo de indignação, superação e/ou esquecimento; um método terapêutico cujo efeito de purgação (*catharsis*) se dá a partir da descarga de afetos relacionados a acontecimentos traumáticos, ou seja, uma descarga emocional na qual se libera, no sujeito, satisfações substitutivas. As reminiscências podem ser provocadas de diferentes formas e geralmente é significada por meio do processo de análise em que o sujeito ressignifica a emoção através da fala, representando a situação vivida anteriormente. No contexto das redes sociais, a partir dos fragmentos verificados, notamos que esses espaços constituem uma espécie de *locus* de atualização dos afetos, nem sempre manifestados em outras instâncias do contexto social. É como se sujeitos encontrassem naquele espaço um local para despejar seus dramas, seus “resmungos diários”, suas lamentações cotidianas e, em alguns casos, como veremos adiante, realizar uma espécie de análise de si a partir do diálogo com os demais usuários da rede, numa espécie de *política de afetos*.

Política dos Afetos

Trata-se de um campo de operações singulares, mas que oferecem um reconhecimento tal e qual produzem para os demais atores que compartilham esses relatos na rede. A estratégia configura-se, segundo Sodré (2006, p.11) como “*eustochia*, clássica designação grega para a mirada justa sobre uma situação problemática, convocada pela potência sensível do sujeito”. O significado em potência é um afeto que irrompe num aqui e agora. “As experiências sensíveis podem orientar-se por estratégias espontâneas de ajustamento e contato nas situações interativas, mas salvaguardando sempre para o indivíduo um lugar exterior aos atos puramente lingüísticos, o lugar singularíssimo do afeto” (SODRE, 2006, p.11).

Sodré explica que termos como afeição ou afecção, provenientes de *affectus* e *afectio*, referem-se a um conjunto de estados que atua na função psíquica chamada de afetividade, já afeto, com a mesma etimologia, refere-se ao exercício de uma ação em particular sobre a sensibilidade de determinado ator, que necessariamente é um ser vivo.

Lembra o autor que a ação de afetar, no latim clássico, contém o significado de emoção, na medida em que corresponde a *commuovere*. Comporta, nesse sentido, um fenômeno afetivo que se define por um estado de choque ou de perturbação na consciência. Desta forma, Sodré (2006) afirma que afeto pode equivaler   idéia de energia ps iquica, “mostra-se, assim, no desejo, na vontade, na disposição ps iquica do indivíduo que, em busca de prazer, é provocado pela descarga de tensão”. Percebemos “essa descarga emotiva” nesses relatos que se configuram também como táticas est ticas porque comportam uma exaltação fanática legitimada pela dimensão sensível apresentada por convicções próprias, que podem ser visões e perspectivas do mundo e posições marcadas sobre sentimentos. Também são artifícios de discurso, recorrentes no passado, no âmbito do uso racionalista do afeto pela retórica, que se caracterizava como a arte da expressão e da persuasão, servindo para convencer, no sentido racionalista do termo o que, para Sodré (2006), indica seu aspecto afetivo ou irracional e, desta forma, serve para comunicar ideias e emoções, produzindo sensações. Razão e afeto atuam juntos como na teoria da tragédia de Aristóteles que distingue três argumentos *ethos*, *pathos* e *logos*⁶.

Desta forma, a narrativa trágica que se configura   predominantemente mais voltada para as expectativas e a conformação psicológica do público. Há uma gama de recursos simbólicos aplicados nas manifestações que pertencem a uma lógica espetacular, isto é, da encenação suscetível de cativar ou distrair os usuários daquela rede, numa espécie de jogo, cuja emoção é o elemento central. Nesse sentido, a narrativa comporta uma aproximação entre est tica, tecnologia e afeto, prevalecendo o subjetivo em detrimento do objetivo. Notamos um investimento afetivo nos relatos, na medida da exposição ps iquica do indivíduo e na exploração do valor-afeto.

A partir de Sodré (2006), acreditamos que se configura uma narrativa espetacular como uma relação social formada pela objetivação da vida interior dos indivíduos (desejo, imaginação, afeto), em um investimento dos sujeitos de forma difusa ou direta, de acordo com as intenções e da trama do relacionamento social, ali estabelecidos.

Tomamos, mais uma vez, o sentido aristotélico, agora de *aisthesis koin *, isto é, de sinestesia, que se configura quando os diferentes sentidos interagem numa constituição de

⁶ *Ethos* refere-se   argumentação baseada no caráter do orador. *Pathos* refere-se   argumentação baseada no estado emocional do auditório (platéia/público). *Logos* refere-se ao discurso baseado nos argumentos propriamente ditos (lógicos). Ver mais in ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. Introdução, notas e tradução do grego: Isis Borges B. Da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

estímulos, desenvolvendo uma manifestação sensível que se manifestam por meio do compartilhamento dos dramas cotidianos.

“Teatro das lamentações”

Para Aristóteles (2003), a tragédia é uma realização teatral que contém diversos elementos formais (narrativa, coro, personagens, etc) cuja característica peculiar reside no fato de o efeito trágico ser uma reviravolta inesperada da trajetória do personagem principal que cumpre um destino inexorável do qual tentava escapar, produzindo, no espectador, sentimentos de piedade e de terror que realiza uma depuração desse tipo de emoção. “O efeito específico da representação trágica (a depuração desse tipo de emoção) supõe a encenação de duas emoções (a piedade e o terror) de que o espectador se verá depurado” (SARRAZAC, 2012). Haveria, assim, uma espécie de compaixão pela dor daquele que sofre e pelo horror a que ele está sujeito. Despertadas essas emoções, dar-se-ia a *catarse*, ou seja, a evacuação desses sentimentos. Para a psicanálise, essa expurgação estaria ligada a uma recordação, até então reprimida, de um fato com forte apelo emocional. Trata-se, nesse sentido, de um alívio originado pelo fato de que alguma coisa — emocional ou física — sofreu uma descarga, obteve um fluxo que eliminou uma tensão incômoda ou insuportável.

Ainda que caracterize a tragédia a partir de seus elementos constituidores (compaixão e terror, cuja finalidade é a purgação de emoções), Aristóteles (2003) faz apelo a um efeito extra-artístico, que define o modo de reação por parte do espectador. Tal reação comporta uma dimensão moral e política, na medida em que convoca os sujeitos a participarem de diversos embates narrativos. A tragédia, nessa perspectiva, é avaliada como um meio de se alcançar alguma participação política.

Se para Aristóteles (2003), a *catarse* possui uma conotação moral e política, que contempla um aperfeiçoamento moral para a vida na cidade, com seus conflitos de interesses e de opiniões, o que verificamos nos fragmentos textuais das redes sociais é que a *catarse*, enquanto sentimento reprimido, parece estar vinculada a uma satisfação de integração a um meio lúdico, despreocupado, e que ressoa enquanto espaço de liberdade narrativa, onde os sujeitos apresentam-se enquanto fachadas (GOFFMAN, 2011) e canalizam sua pulsão para “aquele palco”, ou seja aquela plataforma.

[...] a fachada da pessoa claramente é algo que não está alojado dentro ou sobre seu corpo, mas sim algo localizado difusamente no fluxo de eventos no encontro, e que se torna manifesto apenas

quando esses eventos são lidos e interpretados para alcançarmos as avaliações expressas nele (GOFFMAN, 2011, p. 15).

Segundo Goffman (2011), a fachada é um processo contínuo que o indivíduo assume socialmente e apresenta uma imagem de si apoiada por juízos e evidências na interação com os outros. Não se trata, segundo o autor, de fingimento, mas de um compromisso consigo e com o grupo o qual pertence e sempre se dá em e pelo fluxo.

Trata-se de um processo de interação, de estabelecimento de vínculos imediatos entre o narrador e o espectador. O desdobramento narrativo que se constrói contribui para a construção da satisfação proporcionada por fazer parte da coletividade, que pode ser de uma comunidade ou de um grupo. Ou seja, na maior parte das vezes, relaciona-se propriamente ao sentimento individual, de pessoas que não interagem através de mediações políticas, éticas, cognitivas, mas pela satisfação da ideia de pertencerem ao mesmo universo simbólico de várias outras, numa retomada da identidade do eu através de um complexo catártico de emoções reprimidas pela vida cotidiana.

O que se percebe na maior parte dos relatos é a narração de práticas comuns que são introduzidas enquanto experiências particulares, freqüentações, solidariedades: “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais” (CERTEAU, 2004, p.38).

Entendemos como *maneiras de fazer*, a partir de Certeau (2004, p.46), nas quais os usuários dessas plataformas se reapropriam do espaço organizado numa proliferação das histórias e das operações heterogêneas que compõem os chamados *patchworks* do cotidiano. Privilegiam-se os atos de falar numa operação que atua no campo do sistema lingüístico, configurando um jogo de apropriação e reapropriação que instaura um presente relativo a um momento e um lugar, estabelecendo contato com outro numa rede de relações narrativas.

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular) desenvolvidas no interior dessas redes são do tipo tática. A tática, segundo Certeau (2004), só tem por lugar o do outro. “A tática depende do tempo, vigiando para captar no vôo possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em ocasiões” (CERTEAU, 2004, p.47). O discurso produz, então, efeitos, não objetos porque algo que pertence à narração escapa à ordem daquilo que é suficiente ou necessário saber e, por seus traços, está subordinado ao estilo das táticas.

Cria-se, desta forma, um espaço ampliado por meio das histórias narradas, na medida em que podemos considerar os relatos (*posts*) enquanto camadas de significação porque se desdobram nos comentários dos outros usuários, como podemos notar nos exemplos que se seguem (relatos 7 e 8).

" E daqui a 50 anos eu ainda vou me lembrar de vc...
Da nossa primeira olhada, do nosso primeiro Oi,
Do nosso primeiro abraço e do nosso primeiro beijo...
Pq é assim...
O Primeiro, Único e Verdadeiro Amor
Passe o tempo que for.. NUNCA morre... e principalmente
NUNCA Esquece... "

Curtir · Comentar · Compartilhar · há 2 horas · 🌐



... muito obrigado pela dedicatória !!! ehehehe
há ± 1 hora · Curtir



... Lindo, eu adoraria que você fosse meu primeiro amor ... mas vc chegou mto tarde.
Inclusive, sonhei com vc (e essa parte é verdade)
há ± 1 hora · Curtir · 🍻 1



... xiiiiiiiiiiiiii, o que eu aprontei dessa vez ??
há ± 1 hora · Curtir



... Nada demais ..fomos (eu, tu, Ju, Kau, e Dona Consulin) ao Arpoador ver o por-do-sol ...
há ± 1 hora · Curtir · 🍻 1



... Porra , que show ... espero que isso signifique algo super positivo

Relato 7.

Hoje mamãe completaria 56 anos de vida. Saudade daquela gargalhada alta, da voz rouca, dos exageros "fachettísticos" que herdei, do som alto tocando Fafá de Belém. Eis aí uma das últimas fotos que temos dela, sob a gelada neve da Sicília. Que Deus te afague e faça festa no céu, mãe!



Relato 8.

Trata-se, em algum sentido, da “arte de conversar”: as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras de “situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais. São, segundo Certeau (2004), criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. “A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los habitáveis” (CERTEAU, 2004, p.50).

Principalmente pela tragédia, no contato com a dor, com situações conflituosas, com a perda, o sujeito pode recordar e reelaborar suas emoções para significar seus afetos (FREUD, 1976). A interação da narrativa catártica com os demais usuários da rede, portanto, resulta, em certa medida, de uma ressignificação dos afetos naquele espaço. Logo, o efeito terapêutico desse tipo de catarse poderia se desenvolver na própria satisfação de

descarga textual por meio dos relatos e, posteriormente, com a análise dos comentários que o seguem (quando for o caso).

Nesse sentido, as redes sociais também se constituem enquanto espaços de catarse, onde os usuários podem ressignificar seus medos, expor seus anseios, despejar seus sentimentos na tentativa de “sobreviver às derrotas inevitáveis, de dar forma a nosso entorno, de dominar a complexidade e de fazer com que as nossas vidas se encaixem como quebra-cabeças” (MURRAY, 1997, p. 156). Não importa se os relatos são experiências reais ou ficções, os participantes podem construir ou se colocarem como personagens a partir dessas narrativas, atuando ou trocando de papel por meio da tessitura que constrói e, desta forma, ressignificando as situações afetivas do cotidiano.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

_____. **Retórica das Paixões**. Introdução, notas e tradução do grego: Isis Borges B. Da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. 1: As artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREUD, S. (1976). **Além do princípio do prazer e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora, Obras Completas.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011. 255p.

MURRAY, Janet H. **Hamlet on the Holodeck: the future of narrative in cyberspace**. New York: Free Press, 1997.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

SARRAZAC, Jean-Pierre (Org.). **Léxico do drama moderno e contemporâneo**. São Paulo: Cosac & Naif, 2012.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, Vozes: 2006.

_____. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Vozes, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna**. São Paulo: Cosac&Naif, 2002.